

Bomba de brinquedo faz o Senado parar

27 MAI 1984

ESTADO DE SÃO PAULO

Da sucursal de
BRASILIA

O Senado interrompeu por quase uma hora sua sessão ordinária de ontem, após o recebimento de cinco telefonemas de um suposto "Comando Delta" informando que uma bomba colocada na galeria de honra, ao lado do plenário, explodiria em 10 minutos. Com calma e até em meio a um clima descontraído, foram retiradas todas as pessoas que estavam no recinto, com a suspensão dos trabalhos da sessão, no momento dirigida pelo senador Itamar Franco (PMDB-MG).

A bomba foi localizada na terceira fileira da galeria, normalmente ocupada por visitantes, constatando-se, após o exame feito por um perito da Polícia Federal, que se tratava de uma granada plástica de brinquedo. O Senado, segundo afirmou Jarbas Passarinho, ao reabrir a sessão, "não pode-se sentir envergonhado nem atingido, na sua dignidade, por um ato dessa natureza". A partir de hoje, no entanto, serão colocadas em prática medidas destinadas a "acautelar o Senado", conforme anúncio feito pela Mesa.

O aviso da existência da bomba foi comunicado por uma pessoa que se dizia chamar "dr. Assis", em cinco telefonemas, três deles ao gabinete da presidência e os outros dois ao senador Dirceu Cardoso e ao comitê de imprensa. A sessão foi suspensa e o próprio senador Cardoso orientou a saída das galerias de honra, o que foi feito em ordem. Os senadores e jornalistas ainda permaneceram no plenário por mais algum tempo e muitos chegaram a ver a "bomba", presa à poltrona por um clipe, que dava a impressão de um detonador. O local é pouco iluminado e não permitia um exame mais perfeito do artefato.

Na reabertura da sessão, quando todas as lideranças partidárias repudiaram o atentado contra o Senado, Passarinho fez um relato sobre o episódio, informando que imediatamente chamou a Polícia Federal, para, em seguida, comunicar o fato ao ministro da Justiça. Passarinho comunicou a ocorrência também ao general Golbery do Couto e Silva, que, por meio do SNI, retransmitiu a mensagem ao presidente Figueiredo, em Paso de Los Libres, na Argentina, onde se encontrava.

No relato, Passarinho disse aos senadores que o perito da Polícia Federal constatou tratar-se de um objeto inofensivo, "de material aparentemente de plástico e cujo pino era um clipe". A suposta bomba foi levada pela PF para novos exames.

O líder do PMDB, Marcos Freire, afirmou que o fato não podia ser subestimado, "porque julgamos que ele se insere dentro de toda uma trama, através da qual se procura desprestigiar as próprias instituições democráticas do País". Para o senador oposicionista, "esse foi um atentado terrorista, que merece, como demais, a nossa repulsa".

O líder do PP, Evelásio Vieira, também se pronunciou a respeito manifestando a sua preocupação e a do partido, além de assinalar que "todos os esforços devem-se unir ao lado do governo, no combate ao terrorismo".

Na ausência do líder governista Nilo Coêlho, o vice-líder da maioria, José Lins, igualmente repudiou o atentado, mas o senador Teotônio Vilela (PMDB-AL) foi mais além, indagando se a mesa do Senado iria adotar atitudes mais concretas para apurar o atentado.

Em resposta, Passarinho insistiu afirmando que a dignidade do Senado não foi atingida, lembrando ser impossível evitar que qualquer pessoa leve no bolso uma granada e a coloque em sua poltrona. "É praticamente impossível evitar que isso ocorra, a menos que usemos um detector para fiscalizar todas as pessoas que ingressam na galeria de visitantes."

Ainda durante essas explicações, informou que a segurança do Senado já teria localizado um provável suspeito do atentado. Trata-se, segundo o assessor parlamentar da comissão de Financiamento e Produção, Jorge Santos, de um rapaz alto, magro, negro, vestido com terno cinza escuro e um jaquetão, crachá de identificação colado no bolso.

Jorge Santos contou aos jornalistas que suspeitou dele porque ontem foi a primeira vez que o viu na tribuna de honra do plenário e pela sua maneira de conversar. Disse que ele perguntou como deveria fazer para falar com o senador Alberto Silva (PP-PI) que estava discursando naquele momento e como poderia chegar na galeria destinada ao público. Saiu da tribuna de honra e, dez minutos depois, o senador Dirceu Cardoso esvaziou a tribuna. O sujeito parece retardado.

COMO FOI

"Mais ou menos às 16h45 recebi o telefonema, informou Dirceu Cardoso. Um sujeito disse: "Aqui é o doutor Assis, do Comando Delta. Coloquei uma bomba numa poltrona da galeria de honra. Disse para ele "deixa de trote". O sujeito respondeu que "se alguém encostar na poltrona só o calor faz explodir a bomba". Disse para ele que "isso é trote" e ele respondeu, "o senhor não acredita, então vá ver". Dirceu Cardoso desligou o telefone, verificou as poltronas e viu o objeto. Quando terminou de contar essa história explicou, bem-humorado, aos jornalistas, que "ainda quis chamar o pessoal do PDS para a galeria de honra" e às gargalhadas brincou: "Só lamentei que não fosse na bancada dos jornalistas".

As 17h45, a campanha do plenário tocou para o reinício da sessão, enquanto saía pela porta, em direção ao elevador, um delegado da Polícia Federal, cujo nome os repórteres não conseguiram descobrir.